

CONSELHOS MÉDICOS E CENÁRIOS FUTURÍSTICOS

Desculpo-me, logo de início, para não ser chamado de incompreensivo, mas, de fato, confesso, não entendo nada de medicina nem de economia. O que escrevo é um mero exercício de ficção. Sei que a medicina fez progressos consideráveis e tem realizado façanhas inacreditáveis neste nosso corpo humano tão complicado, tão cheio de mecanismos e eletricidades misteriosas. Da economia não posso dizer o mesmo, pois, cada hora, um de seus expoentes fala uma coisa e o outro contradiz com a mesma veemência. Os comentaristas de televisão (e as comentaristas) são os que mais entendem do assunto e creio que os governantes, ao escolherem seus ministros, têm negligenciado essa seara imensa de sábios e peritos, optando por pessoas que sempre estão fazendo o que não deveria ser feito. Pelo menos, é o que dizem os tais comentaristas.

Outro dia, encontrei-me com um médico e, enquanto conversávamos, tirei um cigarro do bolso para fazer minha costumeira fumacinha. Fui repreendido como criança arteira. Falou-me dos males do tabagismo, do câncer de pulmão, das doenças cardíacas, da destruição das mucosas do estômago e da insuficiência respiratória. E como se não bastasse, entrou pelo lado econômico do problema, dizendo que os fumantes gastam uma enormidade de dinheiro para alimentar as indústrias da morte. Foi então que eu resolvi construir um cenário futurístico, baseado nos conselhos médicos.

Se todos os fumantes parassem de fumar, amanhã, vejam só o que poderia acontecer: os agricultores que cultivam o fumo dispensariam seus empregados e todos eles iriam para São Paulo trabalhar na construção civil. Os

donos das fazendas ficariam desnorteados até que resolvessem utilizar suas terras com outras modalidades de plantação. Talvez começassem com as cenouras pelo motivo que explicarei adiante. As fábricas de cigarros fechariam suas portas e despediria seus trabalhadores. Os menos qualificados iriam trabalhar na construção civil, provavelmente em São Paulo. Os motoristas de caminhões perderiam seus empregos, o vendedor de pneus perderia muitas vendas, os mecânicos, os construtores de veículos de transporte, os pintores de letreiros, a televisão, as revistas, o pessoal que faz propaganda de cigarros, os fabricantes de isqueiros, de piteiras, de cachimbos, de caixas de charutos, enfim, todos perderiam uma boa parte de seus ganhos. O Governo perderia impostos; ganharia, no entanto, porque não precisaria fazer propaganda contra o fumo e ninguém precisaria preocupar-se com leis segregadoras. As escolas de medicina poderiam diminuir o tempo destinado aos problemas do tabagismo e não se gastariam recursos com pesquisas nessa área. Aqueles que são contra o fumo poderiam deixar de ser chatos e não arrumariam desavenças com os fumantes.

Se todos parassem de comer carne vermelha, amanhã, as fazendas seriam abandonadas. Os boiadeiros iriam para São Paulo trabalhar na construção civil. Os frigoríficos seriam fechados. Milhares de trabalhadores seriam despedidos. Os transportes seriam aliviados de grande parte da sua incumbência, pois não teriam que transportar bois, vacas, porcos, cavalos, cabritos, carneiros e outros bichos comestíveis. Os laboratórios não fariam mais exames de dosagem de colesterol. As churrascarias iriam à falência a não ser que se convertessem em restaurantes vegetarianos. Os açougueiros teriam que mudar de ramo, inclusive meu leitor Carlos, lá do Tejuco. Os rebanhos cresceriam assustadoramente e as cidades

seriam invadidas por boiadas e varas imensas. No princípio, aqui em São João del-Rei, isso não seria muito notado, mas com o decorrer dos anos, manadas enormes ocupariam as praças e ruas, disputando o capim dos jardins. Os bacorinhos grunhiriam noite e dia, fuçando aqui e ali.

Se todos parassem de comer ovos, o amigo número um do alto colesterol, os granjeiros não poderiam chocar mais pintos, mas se a população de aves aumentasse muito, os preços despencariam e não seria bom negócio ser proprietário de granjas. Tudo seria abandonado e as cidades seriam invadidas pelos galináceos, em busca de farelos e outros alimentos. Os frigoríficos já estariam fechados e o povo, que já não sabe mais abater um franguinho, perderia o costume de alimentar-se com aves poedeiras de ovos tão venenosos.

Se todos parassem de comer açúcar, a substância responsável pelo aumento da taxa do triglicérides, diria, o fim do mundo estaria próximo. As fábricas de bombons, doces e outras deliciosas guloseimas seriam inúteis. Centenas de milhares, milhões de pessoas não teriam o que fazer. A maioria teria que ir para São Paulo, trabalhar na construção civil.

Se todos parassem de beber bebidas alcoólicas, não se plantariam uvas, nem cana nem cevada. Não haveria vinho, nem cachaça nem uísque nem cerveja. Se com a paralisação do consumo de açúcar, o fim do mundo estaria próximo, o abandono das bebidas alcoólicas seria o próprio Juízo Final.

Com isso e com mais alguns outros conselhos médicos mais específicos sendo seguidos, as conseqüências seriam revolucionárias. Teríamos que planejar um mundo inteiramente diferente deste. Imagina-se que a maioria da população mundial seria saudável, e, a

longo prazo, talvez, nem houvesse tantos médicos. Permaneceriam uns poucos, apenas para tratar de outras ziquiziras que não dependem da ingestão e do uso de substâncias mortíferas.

A cenoura, rica em betacaroteno, seria o alimento da moda; custaria, no entanto, muito caro, o preço de um charuto Havana, dos bons. Uma folha de couve seria embalada em papel celofane e custaria algo próximo do preço de um bombom. Aos poucos, a indústria e o comércio seriam reorganizados para vender couve-flor, alface, brócolis e outras comidas importantes, devidamente acondicionadas em finos estojos encapados de veludo. Uma batata, por exemplo, seria um belo presente de Natal. Todavia, vê-se que os problemas são complicados e qualquer pessoa poderá exercitar a construção de cenários como esses, certamente, mais elaborados e com maior conhecimento de causa. Se começar acontecer tudo isso, numa quarta-feira sem importância, já terei deixado este mundo e, quem sabe, no outro, estarei comendo um lombo assado ou um suculento filé a cavalo, acompanhado de um bom vinho e como sobremesa, um delicioso doce de figo em calda — um verdadeiro festim dos deuses — e para arrematar, um formidável charuto.

10.01.1996

Publicado na Tribuna Sanjoanense - 26.03.1996